

## RELATOS ORAIS SOBRE A PRÁTICA DA UMBANDA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE SÃO JOSÉ DA SERRA – RJ

**Ione Maria do Carmo**

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO  
ionedocarmo@gmail.com

A comunidade quilombola de São José da Serra está localizada no distrito de Santa Isabel do Rio Preto, distrito de Valença, município da cidade do Rio de Janeiro. Os moradores da comunidade têm por descendência uma família negra em comum, formada pelo casal Tertuliano e Miquelina, ambos escravos de José Gonçalves Roxo, proprietário da fazenda São José da Serra na década de 1860<sup>1</sup>. São José da Serra está entre o grupo de vinte e três comunidades do estado do Rio de Janeiro certificadas pela Fundação Cultural Palmares enquanto reamenscentes de quilombo<sup>2</sup>. Ao mesmo tempo, a comunidade ocupa seu espaço entre as oito comunidades jongueiras do Estado do Rio de Janeiro que participam do Pontão do Jongo/Caxambu desenvolvido em parceria pela Universidade Federal Fluminense, IPHAN e comunidades jongueiras<sup>3</sup>.

O Relatório de identificação da comunidade São José da Serra como remanescente de quilombo foi apresentado à Fundação Cultural Palmares em 16 de março de 1999. O depoimento dos irmãos Dona Zeferina e Seu Manoel Seabra, concedidos à antropóloga Lidia Meireles em 1998, para a produção do referido documento, são significativos para compreender o universo religioso do grupo.

Dona Zeferina, nascida em 1929 e falecida em 2003, ao ser questionada pela antropóloga sobre a religiosidade do grupo afirmou: “Aqui na comunidade todo mundo é católico. Católico e umbandista”. Corroborando as palavras de sua irmã, Seu Manoel Seabra, nascido em 1920, relatou em sua entrevista ser “católico e espírita”.<sup>4</sup> A partir dessas narrativa, bem como de suas representações culturais e práticas cotidianas, que procuramos compreender melhor a religiosidade da comunidade de São José da Serra.

---

<sup>1</sup> RIOS, Ana Lugão; MATTOS, Hebe, *Memórias do cativoiro: família, trabalho e cidadania no pós-abolição*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 282-283.

<sup>2</sup> Dados retirados do site [www.palmares.gov.br](http://www.palmares.gov.br). Acessado em 20/10/2011.

<sup>3</sup> De acordo com o site do pontão do Jongo/Caxambu: [www.pontaojongo.uff.br](http://www.pontaojongo.uff.br). Acessado em 20/10/2011.

<sup>4</sup> MATTOS, Hebe; MEIRELES, Lídia, Relatório de Identificação da Comunidade de São José da Serra, 1999, p. 15

Percebemos uma dupla pertença religiosa dentro da comunidade, onde elementos do catolicismo e da Umbanda dialogam entre si, numa dinâmica sincrética, e interagem com o jongo, tornado-se significativos na afirmação da identidade do grupo. Neste artigo procuramos identificar esses aspectos através da prática da Umbanda na comunidade.

Dona Terezinha Fernandes, nascida em 1945, filha de Dona Zeferina, afirma em seu depoimento que os trabalhos espirituais na comunidade iniciaram-se antes mesmo da construção do terreiro de Umbanda. Ela diz lembrar de sua madrinha, Dona Januária, trabalhando espiritualmente em casa com entidades quando era criança. A prática de realizar trabalho espiritual dentro de casa seria seguido mais tarde por Dona Zeferina.

Minha madrinha trabalhava, mas eu não lembro, que eu ainda era criança. Mas minha madrinha que trabalhava. Mas não era terreiro assim, ela trabalhava na casa dela mesmo. Igual a mamãe. A mamãe começou a trabalhar dentro de casa.<sup>5</sup>

Ainda de acordo com o relato de Dona Terezinha, Dona Zeferina passou por uma enfermidade, ficando de cama por nove anos. Por volta de 1965, época do casamento de Dona Terezinha, sua mãe começou a sentir os sinais da mediunidade com a manifestação de suas entidades espirituais, que a curou.

A mamãe coitada, pra poder ceugar e deixar pra nós [o legado espiritual], ela ficou doente nove anos na cama. A gente sempre cuidava com ela. Sempre cuidava e ajudava o papai muito. Papai era uma ótima pessoa, e nós era uma porção de irmão. Metade ia pra roça com papai e outra ficava em casa com a mamãe e ela doente, ruim. Encostava nela [entidade espiritual] mas não sabia. Até um dia o próprio guia dela baixou nela e curou ela.<sup>6</sup>

Dona Januária, que também era rezadeira, foi a líder espiritual da comunidade antes de Dona Zeferina. Segundo Dona Terezinha, depois de mudar-se para São Paulo, Dona Januária foi passando o legado aos poucos para Dona Zeferina.<sup>7</sup> Essa informação coincide com o depoimento de Seu Manoel, que conta que sua irmã foi a São Paulo pedir permissão a uma senhora para abrir o terreiro na comunidade.

---

<sup>5</sup> Entrevista com Terezinha Fernandes, concedida a Ione do Carmo, Valença-RJ, 19/02/2011.

<sup>6</sup> Idem.

<sup>7</sup> LABHOI-UFF. Acervo Memória do Cativoiro.13/12/2003.

Atualmente os moradores da comunidade que trabalham na Umbanda atuam em dois terreiros: um dentro da comunidade e outro em Santa Isabel. Em São José da Serra a construção do centro de Umbanda do centro de São Jorge Guerreiro e Caboclo Rompe Mata foi fundado por Dona Zeferina Fernandes no período da década de 1970. Este terreiro, que até o ano de 2003 esteve restrito apenas aos moradores da comunidade, atualmente atrai consulentes e médius oriundos de várias regiões, inclusive da cidade do Rio de Janeiro.



**Figura 1: Centro de Umbanda São Jorge Guerreiro e Caboclo Rompe Mata –  
São José da Serra**

Mãe Ferina, como também era chamada Dona Zeferina, iniciou muitos moradores na Umbanda, onde atuou como mãe de santo. Sobre o trabalho espiritual que era realizado por ela, Dona Terezinha relata:

Curou muita gente, ela curou muitas pessoas que chegava desenganada. Veio do Rio um menino desenganado do médico. Ela disse que tinha ido em tudo que era hospital, até no Souza Aguiar. Não tinha um pedaço de corpo dele que não era lugar de tinha injeção, da cabeça os pé. Aí o sobrinho dela mora em Queimado (até

já faleceu também) aí trouxe ele aqui. Vamos levar lá na madrinha Ferina, que ela dá cura ao seu filho. Aí disseram, vamos sim. Aí pegaram o trem, vieram até a barra, de barra pegaram um ônibus até conservatória, de conservatória pegaram até a ponte, aí vieram. Vieram, chegou aí, nós tava arrumando [...] pro terreiro. O menino não falava, não andava, não chorava mai, aí fumo pro terreiro, a mamãe começou a trabalhar pra ele. Era nove hora, quando terminou o última limpeza que fizeram no menino era quatro horas da manhã. Aí quando terminou ele falou assim: Mamãe estou com fome. Aí a mãe fez um mingau de fubá, deu ele. Aí eles foram embora de madrugada, quando chegou no Rio, só os remédio que ensinou nunca mais ficou doente. Hoje já casou, já tem filho grande, tem tudo, mas foi curado.<sup>8</sup>



**Figura 2: Dona terezinha, à esquerda, com sua mãe, Dona Zeferina.**

Na foto acima percebemos Dona Terezinha com sua mãe no centro de Umbanda de Santa Isabel. Sobre o recebimento do legado espiritual, Dona Terezinha faz um relato onde demonstra a responsabilidade de sua posição, tendo em vista não apenas pela confiança que pessoas de fora da comunidade depositam no trabalho espiritual iniciado por sua mãe, mas também em respeito à Dona zeferina.

Para mim foi uma coisa assim importante porque nós duas sempre foi unida, eu e ela. Sempre ajudei ela toda vida no terreiro. Eu no terreiro acompanhando ela. Acompanhei trinta anos trabalhando junto com ela. Aí ela entregou a responsabilidade na minha mão porque eu já estava preparada. Eu enfrento até hoje. É uma coisa que da onde ela ta, ta ajudando eu muito, mas muito mesmo. Porque vem gente nas

<sup>8</sup> Entrevista com Terezinha Fernandes, concedida a Ione do Carmo, Valença-RJ, 19/02/2011.

últimas depois volta pra agradecer. A gente tem salvado muita pessoa. Esse ano então, no começo do ano já salvei muita pessoa. No final do ano salvô uma moça no hospital, o pai pediu pra rezar, aí tem aquela cruz na entrada do terreiro, eu não dava tempo de subir pro centro porque já tava tarde que eu cheguei de Valença. Aí chegamos era mais de cinco horas. Aí ele pediu pra eu rezar. Aí eu falei que naquele di não ia dar porque não dava tempo de ir no terreiro. Aí ele pediu pelo amor de Deus eu queria pedir a senhora um favor: salve a vida da minha filha que está entre a vida e a morte no hospital. Aí eu falei mas eu não tenho força, nem poder pra salvar a vida da filha do senhor, mas vou fazer uma oração. Aí levei ele no Cruzeiro, acendi a luz e pedia as almas do santo cruzeiro, a vovó do santo cruzeiro. Porque o cruzeiro foi fincado no dia 13 de maio com a dona que era quase do cativo. Então a gente zela por ele até hoje. E tudo que pede nesse cruzeiro ele atende. Aí primeira coisa que eu vi foi assim fazendo a oração para ele foi o caixão da filha dele, apareceu no pé dele. E ele chorando pelo amor de Deus não deixa morrer é a única filha que eu tenho, só tenho uma. Aí eu falei: ó, ta na mão de Deus, no braço forte da Santa Cruz, porque a cruz de Jesus é a mais forte do mundo, tem força e poder. Aí ele foi embora, já tinha escurecido, marquei pra ele vir ao terreiro. Ele voltô, veio ao terreiro. Pedi pra trazer uma blusa da menina. Ele trouxe, rezou, levou. Ela vestiu no hospital. Aí o doutor não achava nada, ela ficou muda, o pescoço inchou tanto que teve que furar um buraco no pescoço pra ela respirar. Aí torno a voltá de tarde e disse: acho que a minha filha vai morrer Dona Terezinha. Ela aliviou um pouquinho mas ela vai morrer. Eu disse: não vai morrer, o senhor confia em Deus. Aí da outra vez que ele veio, ele disse que deu mal cheiro na menina, mas fez todos os exames e não deu nada. Aí quando viu caiu a carne assim do lado dela todinha. Aí caiu aquela carne tudo viva. Aí ele veio aqui correndo falar outra vez. Da onde ele mora é três horas a cavalo até chegar aqui, atravessando pelas essas mata aí atrás até chegar aqui. Aí quando ele chegou que falou comigo, aí o Vovô que tava em mim falou não vai precisar tirar carne nenhuma do corpo dela pra fazer enxerto (tinha que tirar a carne do corpo), ela vai ser curada. Aí quando fez um mês ele já trouxe ela aqui para agradecer. Trouxe pra agradecer. A cicatriz já toda igual ao corpo, fechada e ele chorando. Dava pena que ele chorando, veio agradecer e engranhou no pé da cruz [inaudível]. Agradece o nosso preto velho que mora lá, que mora no pé dela, que curou a filha dele e o terreiro.<sup>9</sup>

Um elemento importante presente no relato de Dona Terezinha e que demonstra a interlocução entre a Umbanda e o catolicismo é o Cruzeiro. Construído nos arredores das igrejas católicas, o Cruzeiro é o local onde os fiéis acendem as velas para as almas ou para algum outro propósito religioso. É tradição entre os religiosos da Igreja Católica acender velas às segundas-feiras, dia das almas. No entanto essa tradição também é praticada por umbandistas, tendo em vista que na Umbanda, a segunda-feira é reservada

<sup>9</sup> Idem.

aos pretos velhos – que representam a linha das almas – e, normalmente, quando é preciso realizar algum trabalho espiritual por intermédio dessas entidades, os rituais são realizados preferencialmente neste dias.

A presença dos *pretos velhos*<sup>10</sup> no trabalho de cura desenvolvido por Dona Terezinha também se explica pela atuação dessas entidades nas enfermidades dos consulentes. São entidades que possuem o conhecimento da cura de doenças através de plantas e ervas medicinais. Segundo Lísia Nogueira Negrão, os *pretos velhos* representam na Umbanda a linha africana dentro do terreiro. Para Negrão, essas entidades, através da calma que lhes é característica, tranquilizam seus clientes, apaziguando seu ânimo contra os desafetos, benzendo-os e abençoando-os.<sup>11</sup> O fato de também estarem associados aos espíritos dos antigos escravos, é comum que os pontos cantados para os *pretos velhos* nas sessões de Umbanda tragam elementos que remetem à vida do cativo, como é o caso do ponto abaixo:

Na senzala tem um velho  
Esse velho canta assim  
Caminho que tem espinho  
Mais a frente tem jardim  
É um jardim de flores  
É um jardim de luz  
As flores é o amor  
A luz do caminho é Jesus<sup>12</sup>

Os moradores da comunidade remanescente de quilombo de São José da Serra, em suas práticas e narrativas, demonstram existir uma relação estreita entre a Umbanda e o jongo por eles praticado. A manifestação dessa percepção pode ser identificada no CD-livro desse grupo, produzido em 2004. Dentre as 26 músicas gravadas, destacam-se três delas, que são pontos cantados em terreiros de Umbanda. O primeiro deles aborda o cotidiano das populações negras que viviam no Sudeste brasileiro trabalhando nas plantações de café e de cana de açúcar tema bastante explorado pelos jongueiros.

<sup>10</sup> ORTIZ, Renato Ortiz. *A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda e sociedade brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 73. Os pretos velhos são os espíritos dos antigos escravos negros que pela sua humildade tornaram-se participantes da “Lei De Umbanda.” Quando eles descem, o corpo do médium se curva, retorcendo-se como o de um velho esmagado pelo peso dos anos. Em referência à idade dos pretos velhos lhes é oferecido sempre um banquinho onde eles podem repousar da fadiga espiritual; ficam assim sentados, fumando calmamente o cachimbo que tanto apreciavam.

<sup>11</sup> NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo*. São Paulo: EDUSP, 1996, pp 211-216.

<sup>12</sup> Ponto de *Preto Velho* cantado nas giras de Umbanda em São José da Serra.

**Faixa 4: Plantei café de meia**

Eu já plantei café de meia  
Eu já plantei canaviá  
Café de meia não dá lucro  
Canaviá cachaça dá<sup>13</sup>

O segundo refere-se à faixa 23, que é uma adaptação de um ponto de Umbanda referente a Ogum Beira-mar. Uma qualidade de Ogum, que trabalha à Beira mar em sintonia com outros dois orixás, Iemanjá e Iansã. No CD-livro o cântico é apresentado como um “jongo para saudar a chegada do dia, momento em que a roda de jongo termina”. A comemoração ao dia de Ogum na Umbanda e de São Jorge nas Igrejas Católicas é iniciada com o toque de alvorada ao raiar do dia. É possível que a utilização deste jongo com o propósito apresentado possa vir dessa relação. A autoria do ponto é atribuída à Tia Januária, a líder religiosa e rezadeira que antecedeu a liderança religiosa de Dona Zeferina em São José.

**Faixa 23. Beira-mar**

Beira-mar auê Beira-mar  
Auê Beira-mar, o dia évem  
Auê Beira-mar, Beria-mar.<sup>14</sup>

O outro ponto trata-se literalmente de um ponto de Umbanda em homenagem a Ogum Iara, outra qualidade de Ogum, que trabalha na cachoeira, em harmonia com Oxum. Este ponto é utilizado para fechar o CD-livro.

**Faixa 26. Ogum Iara**

Se meu pai é Ogum  
Vencedor de demanda  
Ele chega no reino  
pra salvar filhos de Umbanda

Ogum, Ogum Iara  
Salve o povo de batalha  
Salve a sereia do mar  
Ogum Iara  
Saravá Ogum, Ogum Iara<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup> CD-livro Jongo do Quilombo São José.

<sup>14</sup> Idem.

<sup>15</sup> Ibidem.

A decisão da comunidade de São José da Serra de gravar os pontos acima apresentados, entre os pontos de jongo, demonstra um dos elementos de identidade do grupo: reconhecimento da Umbanda como um elemento diacrítico. Um aspecto interessante, é o fato desses três pontos terem sido gravados por Dona Terezinha, a mãe de santo do terreiro de Umbanda da comunidade, o que demonstra a importância desses pontos e a proximidade do jongo com a religiosidade de matriz africana. Tendo em vista que “é por meio de significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos”<sup>16</sup>, o CD-livro produzido pela comunidade de São José da Serra ajuda a compreender os elementos escolhidos no processo de estabelecimento da identidade coletiva desse grupo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- LIMA, Bento. *Malungo: decodificação da Umbanda*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,
- MATTOS, Hebe; MEIRELES, Lidia. *Relatório de Identificação da Comunidade de São José da Serra*, 1999.
- MAUAD, Ana Maria. *Através da imagem: fotografia e história-interfaces*. Revista tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n.2, 1996
- NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda e sociedade brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

---

<sup>16</sup> WOODWAER, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: THOMAZ, Tadeu da Silva (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 17.



PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza. (orgs.). *Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em História Cultural*. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

RIOS, Ana Lugão; MATTOS, Hebe. *Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

WOODWAER, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: THOMAZ, Tadeu da Silva (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000